

PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL II. ANTÔNIO PERSIO*

"Nihil sub sole novum" (Eccle. 1, 10)

HENRI CHABASSUS, S.J.

O AUTOR

Antônio Persio é apontado, pela escassa bibliografia que encontrei a seu respeito, como um sábio. Filósofo italiano do Renascimento, natural de Mantera, homem de extensa e variada cultura, ensinou, em várias Universidades, Teologia, Filosofia, Física, Matemática, Medicina e Jurisprudência. Livre pensador, combateu a filosofia Aristotélica e defendeu suas inovações em vários trabalhos, alguns em latim, outros em italiano, dentre os quais se destaca o "Trattato dell'Ingegno dell' 'Huomo'", editado em Veneza em 1576, e que é o objeto deste artigo.

Segundo as fontes que encontrei, teria nascido em 1550 e falecido após 1608. Entretanto a data apontada como a de seu nascimento, deve estar errada. Prudentemente, Espasa-Calpe não a assinala e o próprio Persio, à pagina 57 da obra que vamos comentar, a contradiz. Nota ele aí que ao escrever as "Nuove Positioni" tinha "cerca de 31 anos". O livro a que se refere é o que tem por título "tractatus novarum positionum adversus Aristotelem". Ora, este livro foi publicado em Veneza em 1575, logo Persio teria nascido, segundo seu próprio testemunho, por volta de 1544.

* Ver "Síntese" nº 21, Jan - Abril 1981, 71-86.

É curioso que homem de tão vasta cultura não seja sequer mencionado em grandes enciclopédias como a Portuguesa e Brasileira, a Barsa, a Miradora, a "Britannica" e a New Catholic Encyclopedia" (americana). Nem sequer a Treccani, tão rica em biografia de autores italianos, faz menção do nosso autor. Os grandes dicionários católicos também não se referem a ele, e poderiam fazê-lo, pois era homem ligado à Igreja e ensinou Teologia. Dentre os modernos, só encontrei menção do Persio em Esteban Torre, no prefácio da edição que preparou do livro de Huarte "Examen de Ingenios para las Ciencias" (Madrid, Editora Nacional, 1977). Não o mencionam, p. ex., nem Walther em seu livro "A Orientação Profissional e as Carreiras Liberais" (tradução de Pierre Weil, edição da Melhoramentos, s.d.), nem Zytowski em seu excelente artigo "Four Hundred Years Before Parsons", publicado no "The Personnel and Guidance Journal" (vol. 50, nº 6, Fev. 1972). Esteban Torre, no lugar citado, critica os plagiários de Huarte, e exime Persio dessa pecha, e com razão, já pela data da publicação, já pelo conteúdo do livro. Persio foi contemporâneo de Huarte, e as suas obras foram publicadas com pouca diferença de tempo: a de Huarte em 1575 e a de Persio em 1576.

É possível que a própria extensão de sua cultura tenha concorrido para o apagamento do nome de Persio no decorrer dos séculos. Abarcando muito, não poderá ter ido tão fundo que tivesse constituído um sistema que resistisse ao tempo, avançando o conhecimento científico. Original em suas idéias, como é apresentado pela Espasa-Calpe, não o teria talvez sido a ponto de constituir um corpo de doutrina ou uma obra que lhe deixasse um nome, como aconteceu a Sócrates, Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant e outros mais. Parece-me que teria sido antes um erudito que um sábio, mas isto é apenas uma impressão, pois de suas obras, limitei-me à leitura da que constitui o assunto deste artigo.

OCASIÃO PARA ESCREVER O LIVRO

Diz Persio que indo a passeio à Praça de São Marcos em companhia de Sílvio Galasso, veio-lhes o desejo de fazer uma visita à Casa da Moeda, para verem como se fazia a prova do ouro e de outros metais, e que aí tais e tantas outras coisas novas aprenderam, que maravilhados, arrependeram-se de não terem buscado aprender isso antes. Galasso, em sua admiração, teria dito: "Quais e quantas coisas encontrou, encontra e encontrará sempre o engenho humano? Quantas coisas ignoraram os antigos, que nós sabemos hoje, e quantas ignoramos nós que saberão os homens de amanhã?!" (3ª pág., numerada 3). A

referência de Galasso aos maravilhosos achados do engenho humano, fez vir à memória de Persio uma pergunta de Pedro Contarini sobre quais seriam as causas eficientes do engenho humano. Diz Persio que a pergunta não lhe foi feita por ignorar Contarini quais essas causas, mas simplesmente para saber qual a sua opinião a respeito (9ª pág., numerada 6). Esta lembrança é que o levou a pôr-se ao trabalho e a redigir o livro aqui considerado.

O LIVRO

O título da obra é:

TRATTATO DELL'INGEGNO DELL'HUOMO

al Clariss. Sign. Pietro Contarini

Del Clariss. Sign. Philippo

In Vinetia MDLXXVI

Appresso Aldo Manutio

Entretanto, com a despreocupação dos antigos a respeito dos títulos de obras próprias ou alheias, despreocupação sobre a qual já foi feita menção no artigo sobre Sánchez de Arévalo ("Síntese", vol. VIII, nº 21, janeiro-abril, 1981), aparece na primeira página do livro, um título algo diferente do que consta na folha de rosto, a saber:

"TRATTATTO INTORNO ALLO'NGEGNO DELL'HUOMO"

Vasado no estilo da época, com períodos longos e pontuação diferente da que hoje usamos, ou, por vezes, totalmente inexistente, é assim mesmo suficientemente claro para se fazer geralmente entender. Uma ou outra vez, apenas, a extensão desmesurada do período, com grande número de frases coordenadas e subordinadas e com ausência de pontuação, deixa alguma dúvida sobre o sentido exato do que o autor tinha em mente.

Apesar da extensão dos períodos, o estilo não é pesado, já pela novidade, para nós, das idéias do tempo, já pela riqueza da erudição. O autor cita constantemente inúmeros autores, antes antigos que coevos, em abono de suas sentenças, sem se escravizar, porém, às idéias alheias, o que, diz ele, é próprio da sua filosofia (pág. 24).

O conteúdo do livro, isto é, o argumento tratado, já foi assinalado acima, e corresponde à pergunta feita por Contarini a Persio: Quais são as causas eficientes do engenho humano? Diz que, sobre isto, tanto os modernos como os antigos pouco ou nada escreveram, e quan-

do escreveram, fizeram-no desordenadamente. Admite a possibilidade de haver alguém escrito bem sobre o assunto, mas então o escrito ter-se-á perdido por injúria do tempo ou por outro acidente, pois não se lembra de ter visto autor que tratasse o assunto a fundo (9ª pág., numerada 6).

O argumento do livro poderia ser tratado sem referência alguma ao assunto que nos interessa, que é a Orientação Vocacional. Ao desenvolver o seu tema, porém, Persio aduz, mais que uma vez, considerações sobre elementos que interessam à Orientação Vocacional, e nossa tarefa consistirá em respigar aqui, ali, além, em seu escrito, o que vem a talho para o nosso assunto.

O livro não segue uma ordem estritamente lógica; as considerações e os conceitos emitidos não o são de forma definitiva e acabada, isto é, o autor volta sobre eles e uma e outra vez, completando-os, exemplificando, desenvolvendo-os conforme calha. As novas considerações são, por vezes, redundantes.

Afim de que se entenda qualquer envio às páginas do livro, note-se que, a princípio, não vêm enumeradas as páginas, mas as folhas e ainda assim mal numeradas. Só a partir da 15ª página, que traz o número 9, é que a seqüência da numeração das páginas corresponde à ordem natural dos números: 9, 10, 11, etc.

CONCEITO DE ENGENHO

É por onde começa a tratar formalmente o assunto, precedendo-o, porém, de longo arrazoado sobre as maravilhas de que é capaz o engenho humano. Enumera as belezas da pintura de Zeus e Apeles, faz o elogio das artes — escultura, arquitetura, música, oratória, poesia —, das ciências — geografia, astrologia, etc.—, dos ofícios — navegação, domesticação de animais, etc. — das descobertas, v.g. a bombarda, a imprensa (13ª à 17ª páginas). A seguir expõe a ordem em que tratará o assunto. Diz que dará primeiro a opinião de outros autores, trazendo a seguir algumas razões que seus próprios possam aduzir sobre as causas e os efeitos do engenho humano, assim como tratará das ações e operações que lhe são próprias, após o que lhe parece nada restar senão abordar a solução de alguma dúvida que se possa apresentar (pág. 12).

Após abordar a etimologia da palavra, dá a acepção “dos mais nobres autores da língua latina”, que a tomaram por “natureza”... “não só

de coisas animadas, mas também das privadas de alguma, p. ex., dos lugares, falando de 'ingenium loci', e fazendo outras aplicações". Aplicaram-no, ainda, v.g., aos costumes humanos, donde as qualificações de "engenho bom, perverso, fino, sagaz, astuto, benigno, pudico, honesto, etc.". Daí também expressões como "redire ad ingenium", isto é, voltar ao sólito costume, "mutare ingenium", mudar de costume, e muitas outras (pág. 13). Por uma sinédoque de uso corrente, designa também o homem todo: "tenho amizade com os mais belos e peregrinos engenhos da cidade". Quanto a si mesmo, diz: "nós por engenho entendemos aquela parte do espírito, pela qual somos aptos a compreender as coisas. Nunca ou raríssimas vezes, o tomamos por natureza" (pág. 13). Volta a outros conceitos, o primeiro dos quais afina com o seu: "Engenho é certa potência natural inata e herdada, que por sua própria força é capaz de descobrir coisas que possa mostrar e provar com razões" (pág. 15). Este conceito se avizinha ao de discorrer sobre e compreender a natureza das coisas. E volta a Aristóteles que no engenho supõe "além do conhecimento das coisas, o exercício desse conhecimento" (pág. 16). A seguir diz que "pouco se afastaria dos nossos princípios, quem dissesse ser o Engenho aquela faculdade ou aptidão natural, que em nós se encontra, por meio da qual, compreendemos com facilidade as coisas difíceis, e as ordenamos com vista ao fim que nos propomos" (pág. 17).

CAUSA DO ENGENHO

Há quem pretenda que seja o céu e suas estrelas e planetas, sobretudo este e o sol. Outros afirmam que a causa é o temperamento e a compleição. A quem quiser se aprofundar no assunto, remete para Galeno (129-199) que fundamenta sua opinião em Hipócrates (460-377 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) e que escreveu 3 volumes sobre o temperamento. Diz Galeno que "o temperamento do corpo faz e causa mutações do espírito, nos costumes, nos vícios e nas virtudes". Persio não o diz, mas isto corresponde ao título de um dos livros de Galeno: "Que os costumes do espírito seguem o temperamento do corpo". Aristóteles dá também como causa a temperatura do sangue e Boécio parece pensar o mesmo quando, referindo-se às quatro compleições (colérica, sangüínea, melancólica e fleugmática), "louva a sangüínea como mais engenhosa, porque é mais temperada" (pág. 22). Aristóteles diz ainda que a maciez ou dureza da carne são indícios da qualidade do engenho (pelo tacto se conhece a superioridade do homem). O autor conclui, dizendo que "estas opiniões, embora deixem entrever muitas causas do engenho e sejam verdadeiras em muitas coisas, são porém defeituosas e insuficien-

tes em outras muitas e não satisfazem a inteligência, principalmente no dar as causas próximas e principais" (pág. 23).

Antes de dar sua sentença, traz o autor uma tirada, em que não só reconhece o valor do modo como os antigos estabeleciam os seus sistemas, mas propõe um princípio que é válido para qualquer época e em qualquer situação. Diz ele que seu modo de filosofar, "que é em parte, o tido pelos antigos filósofos", consiste em "não se obrigar e prender tanto à autoridade de autores antigos e modernos, quanto à experiência (Píndaro) ... e percepção das coisas que caem sob os sentidos e depois às razões inferidas desses dados sensíveis" (pág. 24). Quem seguisse esse seu modo de filosofar, "creio que falaria mais facilmente e com mais verdade sobre os autores mencionados acima". E em apoio de sua posição cita Cícero, que diz que: "A autoridade dos que têm profissão de ensinar, obsta muitas vezes aos que querem aprender, pois estes deixam de usar seu próprio juízo e critério e têm por aceito o que vêem aprovado por aqueles que estimam. *Na discussão há de se buscar não tanto a autoridade (dos disputantes) quanto o valor de seus argumentos e razões*" (pág. 24-25; cfr. pág. 58-59). A evidência deste princípio e a necessidade de sua manutenção não deveriam escapar a ninguém, sobretudo a nenhum educador moderno (digo eu). Na época devia ser muito vivo e corrente o anseio por livrar-se da atitude do "magister dixit", pois Huarte, que escreveu ao mesmo tempo que Persio, diz em seu livro que "la verdad no está en la boca del que afirma, sino en la cosa de que se trata, la cual está dando voces" (pág. 35). O autor repete ainda o princípio seu e de Cícero ao desenvolver sua sentença sobre qual é a causa principal do engenho, que é, para ele:

1. *O espírito*

Quem dissesse que o "espírito é pai, fonte e raiz do engenho, poderia sustentá-lo com razões muito verossímeis, e acrescentar que segundo sua diversa disposição e inserção em nosso corpo nascem as diversas formas de engenho; e na medida em que esse espírito for mais subtil, mostrará mais agudo e profundo engenho, a modo de um espelho que, quanto mais terso, liso e polido, tantos mais natural e facilmente recebe a impressão e semelhança da imagem. Nosso espírito não é mais que um espelho ao receber as imagens das coisas; difere do espelho pelo conhecimento" (pág. 28).

"Em suma, o engenho vem do espírito como a luz vem do calor e do fogo". Os melhores Peripatéticos confessam que o "espírito é o que

faz o engenho agudo, ou pouco, ou muito" (pág. 28). E parafraseia o princípio: "É pelo engenho... que devemos... sorver o ouro da sabedoria e da ciência". Mas não devemos engolir sem examinar primeiro (pág. 30). "Como para tomar qualquer bebida, assim como para provar o ouro, devemos-nos pôr em guarda para não errar, e cuidar que o ouro seja bem purificado, isto é, que examinemos atentamente as razões sobre as coisas que almejamos conhecer, e não dependamos das bocas, quer dos antigos, quer dos modernos, porque há o perigo de ser privado da natureza e do ser do homem, que por isto mesmo é homem porque se conforma aos sentidos e à razão, e, na medida em que não obedece àqueles e a esta, nessa mesma medida não é homem" (pág. 31; cfr. ainda págs. 58-59). Enumera agora as outras causas:

2. "*O sangue quente e puro... que aguça o engenho, porque gera espíritos mais puros. Os filhos que o receberam devem ser gratos aos pais... Houveram-no do útero materno, morada limpa e livre de maus humores, pelo modo regrado de vida que puderam ter essas mães a quem foi dado vagar para cuidar da própria saúde, não precisando, para ganhar seu pão, roubar do tempo necessário para cuidar de si*" (pág. 40). "*O útero materno é de tal importância, que pode ou não fazer agudo empenho, conforme recebe ou não recebe sãos humores, dos quais são formados espíritos subtis, servindo ele (útero) como arquiteto do nosso engenho*" (pág. 41). Ao sangue segue-se:

3. *A imaginação da mãe durante a gestação. Ela tem grande influência sobre a formação da criança e seu engenho (pág. 86-93). É importante por isto que a mãe, nesse tempo, só veja e contemple coisas belas e nobres, "sabendo-se que neste caso é verdadeiro o provérbio: "L'imagination suol far il caso", ou seja, a imaginação produz o efeito, isto é, o que é imaginado (pág. 97).*

4. *O leite da mama, que deve ser de natureza semelhante ao da mãe. Após o desmame:*

5. *A alimentação* — Os alimentos podem ser salubres ou insalubres, e são causa de que os engenhos sejam subtis ou não. Há quem louve a carne e quem não. Os que a proscrevem dizem que os que dela se servem (sem moderação e em excesso) são engenhos grosseiros como os Citas, os Islandeses, os Lituanos e outros bárbaros setentrionais, assim como os que não a usam, ou dela se servem com moderação, mostram sempre engenho vivo, como os Egípcios, os Assírios e os Caldeus e sobretudo os Brâmanes, os gimnosofistas e os profetas, cu-

ja alimentação sempre foi leite, mel, fígados e passas (pág. 41-42). O autor fica com uma terceira opinião, que tempera as duas, compondo-as, com o cuidado, porém, de não misturar "alimentos de humores diferentes, posto que todos sejam bons e perfeitos". "Creio que quase todos sabem disso, mas não creio que muitos o observem, e no entanto é assunto ao qual deviam pôr atenção os homens prudentes e zelosos da saúde da alma e do corpo" (pág. 42).

"Do que acima fica julgaram alguns que, via de regra, os filhos dos nobres são de melhor engenho, porque mantidos com alimentos perfeitos e escolhidos, ... e se dentre eles, poucos há que mostrem bom engenho, como se vê pela experiência, provém isso de que pela facilidade que têm de se entregar às desordens — mais que os outros — sobretudo no comer e no beber, corrompem o seu bom sangue, e assim lesado o espírito, o engenho vem a diminuir e a embotar-se" (pág. 44). E após longa digressão volta a falar do calor: "Todas as operações que se fazem no nosso corpo vêm do calor e do espírito. O que os platônicos chamam potências da alma e Galeno faculdades naturais, dizemos ser o mesmo calor e espírito. E a faculdade que abraça e contém este poder com a facilidade de aprender, chamaram engenho" (pág. 48). e de repente, ex-abrupto dá as causas da variedade dos engenhos: "E teria razão quem dissesse que a variedade dos engenhos e seu aperfeiçoamento têm por causa os progenitores, ... ou a falta e necessidade de alguma coisa, ou o ensino, ou o acaso, ou o exercício, ou a pesquisa e indagação, ou a peregrinação, ou o prêmio, ou a contemplação das coisas, ou a imitação, ou outra causa que se possa vislumbrar. Delas todas, a principal é o espírito e desta causa dependem todas as outras. E como os progenitores são causa eficiente, as outras serão facilitadoras e coadjuvantes. E como, por um lado, o nosso espírito ... apetece para o nosso corpo toda grandeza e exaltação, e tanto mais quanto por sua agudeza vê bem e melhor sua nobreza e excelência; e por outro lado, vê a penúria e privação que há no corpo de muitas coisas, das quais tem necessidade, desta necessidade nasce o desejo e deste a força do engenho e da natureza humana, que é estimulada quer na natureza (externa), quer por outros homens, a descobrir coisas novas ou a aperfeiçoar as já descobertas" (pág. 49-50). Seguem-se exemplos de descobertas por acaso, por designio preconcebido, por observação, etc. Assim, por exemplo, por observação, teria aprendido o homem da aranha a tecelagem, do bicho de seda a fição, etc. É também curiosa a afirmação de que o homem aprendeu da abelha o regimen imperial de governo, e da formiga o republicano! (pág. 52). Depois desta longa tirada vem a 6ª causa, que aliás já anunciou antes.

6. *A contemplação da natureza* — "... A admiração dos homens... foi a porta da filosofia. Homens de vivo engenho, puseram-se a contemplar as coisas da natureza e a especular as causas de certos efeitos, e chegados ao termo de suas vidas, por sua muita *experiência* e longo estudo, eram sumamente honrados e reverenciados... De sorte que, assim como eles haviam sido no passado *admiradores* da natureza, assim foram em extremo admirados pelos outros. E os que os admiravam, sabendo que eles, em sua juventude, muito haviam trabalhado e se afadigado na *contemplação* das coisas naturais, e na descoberta de outras semelhantes àquelas, começaram a pôr o engenho a trabalhar, a fim de ver se poderiam como eles *investigar* as coisas da natureza, e descobrir outras, ou aperfeiçoar as já descobertas por eles; e não obstante os incômodos do corpo criados pelo engenho ao trabalhar", seguiram eles em sua meta "com a esperança de grande ganho por tão pouca perda" (pág. 60 e 61). É preciso fazer violência à natureza e forçar o engenho a *investigar*.

7. *A educação, o ensino, o estudo* — "Donde se vê quanto valham o adestramento, o exemplo, as lições e o ensino dos mais sábios, aos quais é necessário obedecer se alguém se quer tornar engenhoso" (pág. 62).

"Aquilo em que falharam os pais, tem que ser refeito pela educação e o ensino... Platão estimava que dentre as disciplinas que aguçam e crescem o engenho, sobressaem as ciências matemáticas..." (pág. 94). Mas o estudo cansa. "O estudioso é pálido" (pág. 63). "Quem não é um tanto pálido, quem não sente entusiasmo e incitação à inquirição, à perquirição e ao exercício da arte que pretende (exercer), quem não deixa os prazeres, o trato freqüente com as pessoas, o dormir muito e o comer em excesso, quem gosta de pensar em outros offcios que não o seu, não pode... tornar-se engenhoso, judicioso e de agudo entendimento" (pág. 64). Depois diz que é importante cuidar de que as pessoas com que a criança trata sejam saudáveis e de bons costumes. É bom também achar-se aos literatos e ser amigo deles (pág. 65). O homem de meia ciência sempre ataca o estudioso, mas este não deve temer quem

"ognun riprende
e parla più dí quel che meno intende".

8. *A peregrinação* — É curioso que vindo Persio desde há muito falando de causas que ele mesmo classificou como apenas coadjuvantes e facilitadoras, ao introduzir a "peregrinação" diz que passa agora a tratar das "causas menos principais". (pág. 65). E isto tanto mais,

quanto só bem posteriormente (pág. 94) e enquadrada portanto nestas causas menos principais, é que vai nomear "a educação e o ensino" de que acabamos de falar e que ele diz deverem "refazer aquilo em que falharam os pais", que são pela geração a causa eficiente do espírito e este por sua vez, a causa principal do engenho.

A peregrinação, isto é, o andar por várias terras, ajuda muito o engenho e a descoberta das coisas, porque em muitas partes do mundo há muitas coisas que não existem em muitas outras.

*"Chi va lontan de la sua patria, vede
Cose da quel che già credia lontane:
Che narrandole poi non se gli crede,
E stimato bugiardo ne rimane"* (pág. 66).

Seja-me permitido lembrar que em muitos países da Europa, a peregrinação era a última etapa da formação do oficial nas Corporações. Poderia parecer que a finalidade era apenas aprender novos métodos de trabalho. Na verdade, porém, ela trazia como fundamento fino conhecimento da psicologia humana. Via de regra, o jovem, ao se aproximar o fim de sua formação, seja ela secundária ou terciária, tem certa angústia, quando pensa em ter que enfrentar a situação do trabalho. Ele vai deixar o conhecido e enfrentar o desconhecido. Será capaz de êxito? A peregrinação na corporação, era programada, e o jovem oficial levava cartas de recomendação para os mestres em cujas oficinas iria estagiar nas cidades que lhe fossem assinadas. Recebido dentro do espírito das corporações, o jovem se sentia à vontade e podia verificar praticamente que seus conhecimentos e sua arte tinham aplicação no mercado de trabalho. Este fator e o aprendizado de novas técnicas, iam-se dando mais e mais tranquilamente e segurança para o dia de amanhã. A peregrinação para o exercício de sua arte em outras terras, tornava-se assim para ele um fator de auto-confiança e segurança. Crescia o seu auto-conceito. Mortas as corporações, não morreu a prática da peregrinação. Não há muitos anos, jornais do Brasil mostravam-se em pleno uso entre os oficiais carpinteiros de Holanda. Tratando-se de profissões mecânicas, práticas e não de gabinete e teóricas, a permanência da praxe, séculos após a extinção das corporações, parece ser argumento em abono de seu valor para a formação do oficial.

Persio corrobora sua opinião sobre o valor da peregrinação, citando certo número de cidades e regiões, cada qual com a arte ou ofício em que ela supera as demais na perfeição. Mantendo o mesmo argumento, cita as viagens de muitos ao oriente para tomar contacto com a sa-

bedoria oriental. E isto ainda está na ordem do dia. Em livro relativamente recente e há pouco tempo traduzido para o português, Jorge Ivanovitch Gurdjieff descreve suas prolongadas e repetidas viagens ao Oriente em busca da sabedoria oriental em todos os seus matizes.

Persio observa que a peregrinação para aproveitar ao homem supõe talento ao menos mediano e não seria capaz de dar subtileza a um engenho embotado. Do contrário, seria causa eficiente, e não o é (pág. 65 a 68).

9. *A necessidade* — É também uma boa causa do engenho. Estando nosso espírito com precisão de alguma coisa, põe-se a buscá-la. Esta necessidade tem muitos capítulos e formas: a de conservar a honra e, por vezes, a vida, a de ganhar-se o pão, a de livrar-se da prisão ou fugir dela, e assim por diante (pág. 68-69).

10. *A pobreza* — Quando a necessidade é acompanhada de sua irmã carnal, a pobreza, o engenho não pode avançar muito e dar tais frutos quais daria, se provido de algumas coisas pertinentes e necessárias. O engenhoso pobre é como alguém que tem asas, mas traz atada a si uma grande pedra que lhe impede o vôo. E documenta com um verso de Juvenal: "Dificilmente sobressai aquele a cujas forjas obsta a penúria doméstica".

Mas há engenhos com boa e má fortuna, diz ele. Poucos houve, que acomodados e ricos, tenham tido a glória de algum invento engenhoso, e muitos pobres que em sua penúria revelaram por seu engenho a força da natureza humana. E a razão é clara: como o homem é proclive ao desregramento, a muita comodidade fá-lo indolente e transcurado, ao passo que a penúria e a incomodidade o despertam e o fazem atilado e sagaz. E após o longo arazoado conclui que "a pobreza é exercitadora das forças sensitivas e estimuladora do engenho, enquanto a riqueza este e aquelas entorpece, e reduz a trevas o lume do intelecto... O mais das vezes, os homens abusam da comodidade". "O mais das vezes", diz, pois, conheceu muitos ricos que deram ótimos frutos de seu bem cultivado engenho (pág. 69-71).

11. *O prêmio*. É outra causa do engenho. O espírito que almeja exaltação e glória, excitado pela fama que possa ganhar, excita-se e põe à obra o engenho para descobrir belas coisas.

DIGRESSÃO SOBRE A DESVENTURA DO ENGENHOSO

Há quem, ainda que engenhoso, se encolhe e não aparece por temer a

inveja, que o atinge sempre, sobretudo se ao engenho se lhe junta a riqueza. Aristóteles diz que a inveja persegue mais o rico que o sábio; Persio acha que ela visa os dois. O homem engenhoso há de sentir como a inveja punge. E a razão da inveja é que o homem não tolera a submissão e como lhe parece que a natureza exige que o menos prudente obedeça ao que o é mais, foge deste, aborrece-o e, podendo, persegue-o. A inveja sempre atinge os homens de valor e não os vis e sem préstimo. Diz Eurípedes que "quem quiser ser invejado, porfie em ser grande e ilustre, pois como o raio só atinge os lugares altos... assim a inveja só aseteia e fere os que por seu valor e engenho superpujam os mais". Por isso sempre se houve por melhor sofrer dos outros inveja do que compaixão (pág. 72-74).

Segue-se longa digressão sobre a *desventura*, que, diz o autor, acompanha o engenhoso. E aponta depois os porquês da inveja suscitada:

1º) Porque os engenhosos são homens de bem e a estes a desventura os persegue como sombra.

2º) Porque pensam que o que lhes acontece de bom é só por valor seu e não por ajuda da fortuna. E então, ira-se a fortuna, a sorte, e os abandona. E metidos eles em empresas difíceis e laboriosas, superiores às forças humanas, e abandonados da sorte, vêm abaixo quais novos Ícaros, e quanto mais alto quiserem voar, maior o tombo. Só tiraram como fruto o infortúnio e a desventura.

3º) Porque alguns, confundindo o engenho com o juízo, levam à consequência possível de se escolher o falso, o que é uma desventura. A argumentação de Persio é aqui muito obscura e confusa. Diz ele em suma: "Alguns pretendem que engenho e juízo sejam a mesma coisa, mas não o são, pois ao juízo precede a simples apreensão, que se faz pelo espírito (pelo engenho); depois é que a razão examina o apreendido e dá sua sentença e isto é que é o juízo. O juízo distingue o verdadeiro do falso para eleger o primeiro e fugir ao segundo. "E assim tomando o engenho pela simples apreensão e compreensão e pon-do — o juízo no intelecto, o juízo mistura-se com a eleição, o que leva à confusão, pois a eleição diz respeito ao apetite (vontade) e o apetite não pertence ao engenho" (pág. 74-77). Feliz quem possa compreender esta tirada de Persio.

O que ele parece querer dizer (ou o que nós poderíamos elucubrar do que ele diz) é o seguinte: Como o homem engenhoso inquire sobre coisas difíceis (ítem 2º acima) e que lhe podem apetecer, ocorre a

possibilidade de, ao ter que discernir entre o verdadeiro e o falso, não encontrar-se perfeitamente indiferente.

As coisas que se apresentam ao homem apresentam facetas várias, cada uma delas dizendo respeito a uma faculdade ou capacidade humana: — o verdadeiro (a verdade) diz respeito à inteligência, o bom (o bem) diz respeito ao apetite (quer intelectivo = vontade, quer sensitivo), o belo diz respeito ao senso estético. Santo Tomás diz muito bem que ao agirem, a Inteligência e a Vontade se refletem uma sobre a outra. A inteligência é faculdade cega, isto é, não pode afirmar ser falso o que vê como verdadeiro e vice-versa; a vontade, porém, é livre e pode não querer abraçar o que a inteligência lhe oferece como verdadeiro e que seria o seu bem. Pode mesmo; não só abraçar, sem prévio exame, o falso que lhe seja aliciante para si mesma ou para os sentidos, mas ainda prevenir e impedir o exame do objeto pela inteligência, apresentando a esta algo como apetecível antes de passar pelo crivo de seu exame. Nestas condições, a inteligência é obnubilada, pela influência do apetite (vontade ou sentidos) que não lhe deixa ver claro e julgar com objetividade. Pode assim abraçar o falso como verdadeiro, e é isto que Persio aponta como desventura. Essa situação da inteligência e da vontade corresponde ao "wishful thinking" da psicologia moderna: o indivíduo pensa e aceita como verdadeiro e bom aquilo que corresponde ao seu desejo. Só a indiferença prévia da vontade com relação ao objeto dá ao homem capacidade para julgá-lo objetivamente.

12. *Outras causas do engenho* — Odores, lugares, ar, limpeza.

Odores — "Já dizia Aristóteles que faz bem ao espírito cheirar coisas odoríficas — frutas, ervas —, porque tais coisas são quentes, por ser quente a natureza do odor... Por isso é que nas Igrejas se queima incenso, para dispor nossos espíritos a subir até Deus"(!) (pág. 100, 101, 108).

Lugares e ares — Devem ser abertos com ar puro e odoroso, não paludcosos. Lugares altos são mais salubres porque aí os raios e o calor do sol circulam mais facilmente. O clima deve ser temperado, nem muito quente, nem muito frio, mas entre o quente e o frio, melhor o quente que o frio. Durante o dia é bom mover-se e mudar de ares, porque além do mais, combate o ócio; à noite, porém, não é bom sair.

Limpeza — Ter cuidado não só da limpeza interior do corpo — vísceras e sangue —, mas ainda da externa, da pele: "É obra de homem

prudente e sábio ter cuidado não só da limpeza (interna) do nosso corpo, mas também da parte externa, isto é, da pele a fim de que esteja livre de toda sujeira. O mesmo se diga das vestes que usamos e da habitação em que vivemos" (pág. 119).

A tirada de Persio sobre a limpeza da pele me parece curioso para o tempo. Quem quer que tenha viajado por certos países em época não tão remota — digamos há 30 anos — terá visto quão difícil era conseguir uma ducha para lavar-se. E o tempo de Persio é anterior ao da dama da alta nobreza de certo país, que dizia de si mesma: "Jamais uma gota d'água sujou meu corpo".

Venhamos já aos poucos elementos que Persio traz com relação à Orientação Vocacional. Eles são dois: a aptidão e a inclinação ou o gosto. O que nos levou a ler o "Trattato dell'Ingegno dell'Uomo" foi a referência de Esteban Torre citada no princípio deste artigo, referência em que asseverava ser ele autor original e não plagiário com relação à obra de Huarte "Examen de Ingenios para las Ciencias". Em vista disso, julgava eu encontrar mais dados para o meu assunto, mas assim mesmo não considero perdido o trabalho.

Por vezes, o texto de Persio poder-se-ia prestar a mais de uma interpretação quanto ao significado de certos termos, mas no contexto em que eles se apresentam e com a repetição que é de seu uso, — ele volta uma e outra vez sobre o mesmo assunto, em várias formas — ficam excluídas as dúvidas e pode-se ver com segurança o que eles querem significar.

A primeira referência à aptidão e inclinação natural vem à página 17, quando querendo conceituar o Engenho, traz antes o exemplo do sabujo, que por sua capacidade olfativa ("odora canum vis"), no dizer de Virgílio, é capaz de localizar onde a fera está ou esteve. Fala ele de sagacidade ou *capacidade* de compreender e aprender as coisas com facilidade. "E uma vez que existem duas palavras gregas pelas quais se exprimem uma '*aptidão*' e '*inclinação natural*', que Cícero traduziu por '*nascido apto*' ou '*dado pela própria natureza*' e talvez por Horácio por '*exibido internamente*', digo que, conforme estas duas palavras, pouco se afastaria dos nossos princípios quem dissesse ser o Engenho aquela faculdade ou *aptidão* natural, que em nós se encontra, e por cujo meio compreendemos as coisas árduas e, conforme o fim visado, as atingimos".

Logo a seguir dá a divisão dos engenhos segundo Boécio, o qual diz que há "engenhos grosseiros e obtusos, e estes são *inclinados às artes*

mecânicas; outros são medianos e estes são inclinados a reger as cidades e a tratar com o povo; outros, por fim, são agudos e podem sê-lo em 3 graus: ou mediocrementemente agudos e esses tais são aptos a pesquisar ciências naturais; ou excelentemente agudos e então são aptos para o governo da família; ou agudíssimos e então são dotados eminentemente para a Lógica". Persio aceita a divisão que Boécio faz dos engenhos, não porém sua aplicação dos diversos engenhos às profissões ou ocupações da vida. Esta posição negativa não é, porém, absoluta, pois termina dizendo: "Mas se nos parece que o engenho acaba se salientando naquilo a que se aplica, diremos que quanto mais subtil é o engenho do homem, tanto mais hábil é ele nas ciências especulativas e matemáticas e na mesma medida nelas se deleita, porque sendo especulativo o objeto destas ciências provê matéria de consideração ao engenho agudo, isto é, oferece-lhe atividade que muito lhe agrada e que está a seu nível, isto é, em proporção com o seu engenho. E assim, diremos também que os outros cujo engenho é menos subtil, não gostam tanto de dedicar-se à pesquisa de assuntos subtis, mas ocupam-se tranqüilamente no governo da família ou da comuna, ou em outros que fazeres e práticas civis" (pág. 18).

Aqui aparecem quase todos os elementos do livro de Pérsio, que interessam à Orientação Vocacional. A inclinação é designada expressamente; a aptidão e o gosto, além dessa forma expressa aparecem no discurso por meio de palavras cujo sentido ou cujo fundamento não pode deixar dúvida: "dotadas", "habilidade", "salientam-se", "subtilidade do engenho", "proporcionado a seu engenho", isto é aptidão; "deleita-se", "lhe agrada", o que supõe gosto. O que traduzimos por "gostar de" é em Persio o verbo "amare", que em todo o seu livro, sobretudo ao fim (pág. 116-123) o autor usa promiscuamente com relação às pessoas e às coisas. Isso é do gênio da língua ao tempo em que escrevia o autor. Hoje, "referido a coisas concretas ou abstratas, significa desejá-las" (Cfr. Palazzi). Em português podemos gostar de uma pessoa e podemos também amá-la, mas o sentido é diferente. Quanto às coisas ou às instituições, gostamos delas; só podemos amar as que podem ser personificadas como a pátria, p. ex. o uso de "amar" por "gostar de" é lícito, mas em sentido transposto, não próprio.

Referindo-se à influência dos astros sobre os homens, diz que devemos voltar-nos não para eles, mas de preferência para o sol (sic), pois este é o espírito do mundo. Diz que é este espírito que, por seu calor, constitui o princípio vital das plantas e dos animais e prossegue: "Ora, se no mundo, o espírito é tal que, por sua ação dentro dele

(mundo) gera formas diversas (isto é, plantas diversas e animais diversos), e *inclinações* diferentes, assim também o nosso espírito dirigir-nos-á para *atividades* diversas e produzirá em nós engenhos diversos” (pág. 38). É uma referência clara às “causas equívocas”, cuja admissão remota a Aristóteles e vem também em Santo Tomás. O sol seria para Persio uma causa universal dos seres todos, o que em termos, é pura verdade. Uma exemplificação dos antigos dizia: “Equum generat equus et sol”, isto é, “o cavalo é gerado pelo cavalo e pelo sol”, o que é verdade, pois sem o calor do sol o cavalo não viveria.

O que aqui nos interessa, porém, é a referência às *diversas atividades* a que o espírito *dirige* cada um, o que supõe uma inclinação diferente em cada um (pág. 38). Mais adiante, repete: “homens diferentes inventaram coisas diversas e são inclinados a artes e profissões diversas” (pág. 49). E ainda:... “o nosso espírito solicitado por um objeto qualquer, quanto mais quente e subtil — dentro de certos limites — tanto mais ágil será para o movimento e tanto mais inclinado à perquirição e investigação a respeito desse objeto...” (pág. 53).

Bem mais adiante retoma ele o tema, referindo-o à sua causa: os genitores: “Quem pôs atenção a tudo o que dissemos, deve adjudicar ao espírito tudo o que diz respeito à *inclinação* da mentalidade e dos costumes, espírito que é congênito ao sêmen e dá ao ser gerado engenho e *inclinação* semelhantes aos dos genitores” (pág. 92).

Gosto tem evidentemente que ver com inclinação, e no nosso caso lhe é até sinônimo. A não ser a menção a ele já feita à pág. 18 do seu escrito, só ao fim do livro volta Persio a tratar dele, e o termo que usa para significá-lo é quase sempre o mesmo: “*amor*”, quer na forma substantiva, quer na verbal. Só uma vez usa “*prazer*” e outra vez “*desejo*”. Dele trata em extenso trecho que vai da página 116 à 123. ... “quem *ama* é engenhoso... Porque o *amor* não sendo outra coisa senão o desejo da coisa amada, o desejo movendo o espírito, faz com que ele se acenda... O verdadeiro amor... que é mestre do engenho, é o inventor de quase todas as artes e ciências e o conservador de tudo...” (pág. 117). “E em verdade, se o nosso engenho não fosse confortado pelo *prazer* da investigação e da descoberta de coisas novas, não se teria inventado tantos e tão diversos *ofícios*, assim como tão vários instrumentos. Digo ainda que melhor ensinará a outrem (alguma arte ou disciplina) aquele que mais goste dela, assim como melhor aprenderá quem mais goste da arte ou disciplina que lhe é ensinada. E o inventor ou ainda o mestre de ciências não busca outra coisa na mesma ciência, senão este mesmo gosto (‘amore’), o qual perfeita-

mente satisfeito, torna perfeita a ciência ou a arte; assim como nada mais busca a perícia do médico senão descobrir que alimentos, com o mínimo de efeitos nocivos, convêm à nossa natureza, a fim de que ela se conserve em vida" (pág. 118).

... "Do que fica dito concluiu-se, se não me engano, que o *gosto* (ou *inclinação* — "l'amor") não só seja uma causa do engenho, e certamente tal que não se pode subestimar ou menoscar, mas que ainda seja ele ou ela a causa de que do engenho tenham provindo os mais belos e mais dignos frutos do mundo: as *artes*, as *ciências*, e todas as belas *coisas que tenham por pai o engenho*" (pág. 121).

E ao fim: "Portanto, o *gosto* (ou a *inclinação* — "l'amor") ajudando a agudeza do nosso engenho e nô-lo dando, leva-nos ao arrebatamento, que nos dirige para a coisa da qual *gostamos* ("amata"), pois assim como nós, conhecendo alguma coisa, por assim dizer, atraímos-la a nós, assim dela gostando ("amandola"), nos incorporamos e deixamo-nos atrair a ela; e por isso parece ser ele (o gosto), princípio de nossas ações engenhosas" (pág. 123).

Não quisera pôr fim a este artigo sem referir-me à solução de algumas dúvidas a que o autor alude à página 12 e sem tecer alguns comentários a certos conhecimentos da época, que ele pressupõe e admite ou rejeita.

A primeira dúvida que levanta é porque serão desventurados os homens de bom engenho? Sobre isto já falamos.

A segunda dúvida é porque os homens de engenho são, por vezes, tidos por loucos. Diz ele que a razão é a *atrabilis*, que se encontra em alguns engenhosos. Se esta é fria e abundante, o homem será rústico, embotado e preguiçoso, mas se ela for abundante e quente, o espírito será engenhosíssimo. Testemunham-no Aristóteles e Demócrito, entre os mais. Demócrito diz: "Luz seca, espírito sábio", "porque — acrescenta Persio — jamais se viu um grande engenho que não tivesse um toque de loucura ou de furor, o que provém do calor significado pela palavra "seca", o qual não podendo manter-se sempre dentro das medidas adequadas, por vezes ultrapassa os devidos limites e torna louco o engenhoso ou faz parecê-lo tal" (pág. 84). A idéia ocorre, por vezes, ainda hoje, como era corrente no tempo; Vives também alude a ela em seu livro "De anima et vita" (pág. 295).

A terceira dúvida é se realmente os jovens são mais engenhosos que

os velhos. Diz que isto deve entender-se não como uma referência à idade, mas ao tempo em que viveram, isto é, se os modernos são mais engenhosos que os antigos. E a razão que aduzem para a afirmativa é que os modernos leram mais que os antigos. Responde ele que admite a posição se se trata de leituras sobre coisas difíceis e não sobre as fáceis e vulgares. Adverte, porém que Cícero e Aristóteles já haviam dito com Aussônio: "Cedimus ingenio, quantum praecedimus aevo". Quanto mais recuado na história, menos desenvolvido o engenho, confessando que "quanto ao aprendizado e à invenção, os jovens são mais felizes que os velhos, mas quanto à prudência e ao dom do conselho, são mais felizes os velhos que os jovens" (pág. 106). E acrescenta que é sinal de "bom senso rejeitar a sentença, segundo a qual os antigos souberam tudo, nada deixando a ser descoberto pelo moderno que deixasse a estes a possibilidade de avançar, sentença que é ruína de muitos jovens engenhos, que força dela, não podem dar os frutos que deram os antigos, e ainda maiores que os deles". Diz ainda: "Os jovens são mais engenhosos que os velhos porque são mais ricos em calor e por conseguinte, em sangue tranqüilo, porém, não pruriente e comichante, porque recebem as coisas e situações que se lhes antolham com espírito alegre e não triste, e por essa sua boa disposição, resistem melhor às contrariedades, recebendo (do exterior) as imagens das coisas sob espécie de coisas que lhes dêem prazer. *Com efeito, seu espírito é aquecido pelo calor*" (pág. 107).

Quanto aos conhecimentos da época, pressupostos necessários ao trabalho de Persio, admitidos uns, rejeitados outros, citaremos apenas as constituições humorais de Hipócrates de que resultam 4 temperamentos (sangüíneo, bilioso ou colérico, atrabiliário ou melancólico e fleugmático); a teoria dos quatro elementos constitutivos de todos os corpos (água, ar, terra e fogo), resultantes da combinação binária de quatro elementos (seco, úmido, quente e frio), a astro-biologia e sua conseqüente, a fisiognomonía, com seus tipos psicológicos Sol ou Lua, Júpiter ou Saturno etc. Esses conhecimentos vêm mesclados de crenças e fábulas que ressentem ao "Prado Espiritual", mas erraria grosseiramente quem rotulasse como infantilidade tudo o que os antigos elaboraram sobre a natureza (mineral, vegetal, animal e humana), os temperamentos e os caracteres, suas teorias sobre biologia, fisiologia, psicologia etc. Eles não tinham, é claro, as condições de que hoje dispomos para verificação dos fenômenos da natureza, as técnicas padronizadas de observação e experimentação em laboratório e no campo, mas tinham certas condições que permitiram a algumas de suas idéias atravessar séculos e chegar mesmo até nossos dias. Tinham à sua disposição:

1. A *introspecção*, ainda que condicionada e viciada, por vezes, pelas crendices e limitações da época, e pelos condicionamentos psicológicos pessoais a que dificilmente se escapa.
2. A *experimentação*, que nem sempre era tão rudimentar como muitos pensam.
3. A *observação*, cujo valor se estadeia nos ditos populares tão cheios de sentido e de sabedoria, assim como nos princípios estabelecidos da meteorologia, da agricultura, da medicina e de muitas outras ciências.
4. A *intuição*, que a muitos se antolha como meio não científico. Entretanto a que se reduzem o espírito de síntese e o "insight" senão a ela. Sobre isto aproveitaria ler o que diz Corman, um dos fundadores da moderna morfo-psicologia, a fim de bem aquilatar o seu valor para a ciência.
5. Mas sobretudo, eles dispunham de um elemento de que hoje, praticamente, pouco se dispõe. Sua vida não era a vida corrida, nervosa, neurótica dos nossos dias: eles tinham *tempo* para observar, para experimentar, para "introspectar", para intuir.

O uso desses elementos, com todas as suas limitações devidas à época, ao ambiente e aos poucos meios disponíveis, foi feito com tal mestria e com tais critérios, que a escola de Hipócrates — que é do século V a.C. — informou todos os tempos até a Idade Média e mesmo a Renascença. A medicina avançou bastante no século XVII; apesar disso ainda eram textos de uso corrente em muitas Universidades. Só na época contemporânea é que passaram à história. Quase o mesmo poder-se-ia dizer de Galeno. Quanto à doutrina dos temperamentos, que vem de Hipócrates e foi desenvolvida por Galeno, mortas embora as teorias ou idéias dos 4 humores, dos 4 elementos e dos 4 princípios, sobrevive em parte até em nossos dias. Não é só o vulgo que fala ainda em 4 temperamentos, a saber: colérico, sangüíneo, melancólico e fleugmático, mas, eles ainda sobrevivem explícita ou implicitamente em mais de uma classificação moderna dos temperamentos. É a razão é que "as maneiras de ser e de obrar que se agrupavam sob estes quatro nomes haviam sido *bem observadas* pelos antigos" (Espasa — Calpe — Verbete "Temperamento"), tão bem observadas que os modernos não puderam deixar de lhes apreciar a validade. Hoje parecia desarrazoado pretender fazer ciência da astro-biologia; entretanto a ela se prende um sistema fisiognômico que é a base da moderna morfo-psicologia de Gervais Rousseau e Louis Corman. Este último autor confessa claramente que foi a oposição dos tipos Júpiter e Saturno (expansão — interiorização) o ponto de partida para a renovação da fisiognomonía e a edificação de uma nova ciência: a morfo-psicologia

(págs. 40ss. Manuel de Morpho-Psychologie).

Seria infantil querer manter certas idéias "científicas" dos antigos, mas não o seria menos rejeitá-las todas em bloco, simplesmente por serem antigas. Nem tudo o que é antigo é antiquado.

O proprio Persio não deixa de merecer esta observação. Ele é pródigo em louvaminhas àqueles a quem faz a corte, cita autores antigos — especialmente Aristóteles —, quando lhe trazem a brasa à sua sardinha, mas pelo menos vez que outra não mantém o equilíbrio e a moderação na crítica dos antigos. Apodar de "ciencie" (chanças, nugas, frioleiras) e "dicerie" (palavras sem fundamento, futilidades) a doutrina de Aristóteles sobre o intelecto agente, é pelo menos presunção e falta de respeito. Muito mais mereceria este apodo o seu próprio argumento contra Aristóteles e este respeito, pois não tem lógica nem valor e não convence ninguém. Contradizer o Estagirita e convencer contra ele é talvez possível, mas com outros argumentos que não os de Persio.

Retomando e resumindo, para finalizar, os elementos que Persio traz de proveito para a orientação vocacional, podemos dizer que ele considera:

- a aptidão;
- a inclinação natural;
- o gosto;
- a aplicação ou exercício, que desperta para o conhecimento da arte e de si mesmo;
- as diferenças individuais.

BIBLIOGRAFIA

1. Enciclopédia Universal Ilustrada - Europeo-Americana - Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1908ss., 70 vols., verbete "Persio (Antonio)", vol. XLIII, Col. 1151.
2. Encyclopédie Catholique, sous la Direction et Révision de M. L'Abbé Glaire et de M. Le V^{te} Walsh - Paris, Parent Desbarres, Éditeur, 1854, 18 vols. mais 3 supplémentaires, verbete "Persio (Antoine)", vol. XV, pág. 626.
3. Corman, Louis - Manuel de Morpho-Psychologie - Paris, Librairie Stock, 1955.
4. Gurdjieff, Georges Ivanovich - Rencontres avec des hommes remarquables - Paris, Editions Stock, 1979.
5. Huarte de San Juan, Juan - Examen de Igenios para las Ciencias - Madrid, Editora Nacional, 1977.
6. Palazzi, Fernando - Novissimo Dizionario della Lingua Italiana - Milano, Casa Editrice Ceschina, seconda edizione, 1957.
7. Persio, Antonio - Trattato dell'Ingegno dell'Huomo - Venezia, Aldo Manutio, 1576.
8. Vives, Joannis Lodovici - De Anima et Vita - Padova, Gregoriana Editrice, 1974.
9. Walther, Léon - A Orientação Profissional e as Carreiras Liberais - São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d.
10. Zytowski, Donald G. - Four Hundred Years Before Parsons - in "The Personnel and Guidance Journal", 50, 6, 443-450, 1972.